

RAMON CARDEAL E A MISSIVA PERDIDA

Rogério A. Tancredo



Imagens | José Fernandes

(detalhe: Altos, 2015, mista s/ papel)

Polichinello

Em obra de arte temos de ser ousados! A audácia é o espírito do negócio. É tudo ou nada. Perder ou ganhar – se bem que o verdadeiro artista nada quer, a não ser dar voz ao que sente. E colocar palavras na *pena* de um grande escritor já é está fadado ao fracasso. É colocar-se à beira do abismo, tendo em vista a dificuldade da missão. Mas escrever não se “apresenta como uma situação extrema que supõe uma reviravolta radical...” como diz Blanchot referindo-se ao drama de Mallarmé!? Tomado pelo espírito da audácia, e com inteligência e perspicácia, é claro, Ramon Cardeal se colocou no extremo que a escrita exige e reescreveu belamente a carta de Mário de Andrade que tinha como destinatário Clarice Lispector. A autora de *A Paixão Segundo G.H* se encontrava em Belém em 1944, e por algum capricho do destino não recebera a carta que acabara se perdendo entre os “papéis sem importância” do Central Hotel. Essa lacuna na história da literatura brasileira e na vida de nossa escritora mor foi preenchida pelo conto “O pragmático” que se encontra no livro *O Estrangeiro e Outros Andarilhos* prêmio IAP de 2013. Ramon Cardeal (pseudônimo de Nonato Cardoso) – escritor e um dos editores da revista *Pollichinelo* – tomou para si a “missão impossível” da missiva perdida, e depois de ler várias cartas de Mário de Andrade (como o próprio me confidenciou em uma conversa) reescreveu-a.

E não exagero em falar (basta ler o conto) o fez magistralmente como escrevera Mário na carta perdida. Digo “como escrevera Mário” porque estamos falando de conhecimento prévio – possibilidade – e criação. Ao ler as cartas do poeta, escritor e crítico, que tinham como tema as artes em geral, endereçadas para também poetas e artistas, Ramon Cardeal se apropriou não só do estilo mas do pensamento – em relação a estética – do autor de *Macunaima*.

“Mademoiselle Clarice,

Escrever é um ato de provocação, mesmo se o que escrevemos não tem intensão ou utilidade alguma. Esse ato transfigurador é como a brisa suave de Zéfiro que sem proposito algum participa da erosão das formas cria a cegueira ou a secura do tempo. Digo isso porque teu romance, sem que tu desejasse, foi movimento que fez hoje eu ser o que nunca fui. Foi ele também o responsável pelas olheiras que trago agora em minha insônia de arrebatamento...”

Mário, ou Ramon que se fez Mário, começa a missiva falando do ato e das implicações que envolve a escrita, usa o termo “transfigurador das formas” pensando já no aniquilamento do “eu” e de como escrever é tatear no escuro, andar em zona desconhecida, e de quão inútil é a literatura. Mas adiante, neste mesmo parágrafo, Mário cita *Perto do Coração Selvagem* livro de estreia de Clarice, aí então entendemos seu arrebatamento, e o que levava a escrever uma carta a até então desconhecida escritora. Mário não sabe como se dirigir a autora “senhorita ou senhora” muito nova ainda – entre os dezenove e vinte anos – que já mostra certa maturidade no primeiro romance, e resolve por escolher Mademoiselle Clarice. Essa insólita maturidade faz com que ele reflita sobre o amadurecimento do autor:

[...] Sabemos se o escritor está no ponto ou se nunca vai atingir o ponto. Isso não quer dizer que a fórmula é apenas questão de tempo, pois vinho mal feito o envelhecimento não melhora, mas a idade do autor é mais um parâmetro a ser utilizado dentre tantos. Por isso a dúvida: qual saudação apropriada para esta carta? Senhora ou senhorita?”

É natural o amadurecimento da obra no decorrer da vida do escritor, o próprio Mário de Andrade estreia com *Paulicéia Desvairada*, poemas à moda Baudelaire, onde se ver o *flanuer* baudelairiano passeando pela São Paulo do início do século XX, refletindo sobre o automóvel e a carroça, para depois

realizar a sua obra prima, enfim, impressionado com o romance que lera, sabia que estava diante de uma escritora já pronta. A carta segue com Mário fazendo observações sobre a referência a Joyce no título do livro “Perto do Coração Selvagem” sugerido por Lúcio Cardoso, que é quem descobre Clarice, mas que a referência ainda bem para por aí, pois a obra da jovem escritora em tudo se diferencia do autor de *Ulisses*, que nas palavras de Mário – apesar de genial – “é um livro biblioteca”, ou seja, aqueles calhamaços que ninguém lê e só servem para enfeitar as estantes. “Talvez o Ulisses de Joyce, em que ele abusa dos recursos estilísticos e da ousada polifonia é projeto que me lembra o meu Macunaíma: é uma tentativa de obra-prima que ficou na tentativa: É um projeto exigente demais...” Depois compara o talento de Clarice com a vanguarda europeia e por aí vai. Por fim Mário lembra de quando esteve em Belém em 1927 numa viagem pela Amazônia:

“[...] apesar da decadência do comércio da borracha, a cidade ainda conserva aquele ar de belle époque com casarões em estilo neoclássico, excelente arborização, e expressões francesas por todo centro misturadas ao artesanato e a culinária indígena. Daí vem minha opção pela saudação Mademoiselle Clarice. Em carta escrevi ao Manuel Bandeira, que senti uma atração sexual por Belém e ele me pediu para explicar e eu não consegui, pois paixão/desejo a gente sente, a gente não explica [...] com devotamento e sincera simpatia, Vosso súdito”

Mário de Andrade

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1944.

Assim termina a carta.

Alguns dados bibliográficos referente a estadia de seis meses de Clarice em Belém (infelizmente desprezados por seus biógrafos) são acrescentados ao conto assim como a cena cultural da cidade.

Mas a audácia e a criatividade de Ramon Cardeal não param por aí, não bastava escrever a carta perdida de Mário de Andrade endereçada a Clarice Lispector, faltava a cereja do bolo, e ela vem logo que o leitor termina de ler a tal carta. Entra em cena a figura hermética e solitária (características dos personagens de Cardeal) de Hermes Cardoso. O personagem, também escritor, encontra a carta ainda lacrada no Café Central, local de encontro de intelectuais e artistas da época. Hermes sabe que tem em mãos um tesouro e começa a se perguntar quais motivos levaram a jovem escritora a abandonar a carta na mesa de um café. Seria o medo da opinião de um escritor já consagrado? Ou sua natureza insurrecta não admitia opinião de medalhões da literatura? Hermes não crê em tais hipóteses e resolve ler a carta. No conto aparecem figuras ilustres da literatura paraense como Benedito Nunes, Cauby Cruz, Dalcídio Jurandir, Haroldo Maranhão e Mário Faustino. Em determinado momento o professor e ensaísta Francisco Paulo Mendes se aproxima da mesa de Hermes e pergunta:

- Sem querer incomodar sua leitura, mas eu e meu grupo queremos saber se você não quer juntar-se a nós? Como vemos você sempre sozinho, mas acompanhado de livros, e como nós nos reunimos justamente para falar do que julgamos ser a boa literatura, talvez você viesse a enriquecer mais ainda o nosso grupo...e também somos editores da revista Terra Imatura!

Lógico que o solitário Hermes recusa o convite parabenizando o grupo pela edição da revista. Para não perder a viagem o professor pergunta a Hermes o que ele está lendo. Este diz que está a ler *Notas do Subterrâneo* de Fiódor Dostoiévski e *Dias Perdidos* de Lúcio Cardoso, livros que revelam sua natureza. Outra cena interessante é quando Clarice conhece o poeta Paulo Plínio Abreu, de quem gosta dos poemas e que diz ter “um olhar de vidro, distante, parecia que não estava ali...” opinião que enciumou Hermes. Ramon adentra nessa lacuna deixada pela história e mistura fatos reais com a ficção para questionar essa fronteira tênue que há muito se coloca como questão.

Desde o início do século passado a literatura toma para si este problema realidade/ficção para através da criação poética também colocar em xeque essa “realidade” que nos vem de encontro. Há personagens mais vivos e reais do que muitas pessoas que encontramos por aí. Os surrealista reivindicaram a veracidade do sonho: se ao sonhar podemos ver, sentir e depois contar o que acontecera à mesa do café da manhã é porque algo existe mas não nos vem de encontro assim, simplesmente, como um passe de mágica. Falavam do universo do inconsciente, estudado por Freud, uma outra consciência desapegada dessa realidade que se manifesta, mas tão real quanto essa que nos vem de encontro e que nos diz existir nossos sentidos. A literatura acontece numa espécie de fenda, um entre lugar, onde leitor e escritor vão fazer sua morada. É para este entre lugar que nos leva “O Pragmático” onde podemos ler a carta perdida enviada por Mário de Andrade a Clarice Lispector.

Rogério A. Tancredo, Universidade Federal do Pará.
